



Concordância verbal no português brasileiro oitocentista: uma análise em cartas do sertão baiano

Pedro Daniel dos Santos Souza¹
Elizabeth Lopes Oliveira²

RESUMO:

Neste trabalho, discute-se o encaixamento histórico da variação da concordância verbal de terceira pessoa do plural no português brasileiro (PB) oitocentista, a partir de *corpus* constituído por 101 cartas escritas por 16 remetentes e dirigidas a Cícero Dantas Martins, Barão de Jeremoabo, nos sertões da Bahia. Para a discussão e análise, utilizaram-se as edições fac-similares e semidiplomáticas editadas por Carneiro (2005). Embora, a variação da concordância verbal de terceira pessoa do plural tenha sido exaustivamente estudada em dados do PB contemporâneo, tratar desse fenômeno linguístico sob uma perspectiva história ainda se coloca como um desafio ao pesquisador, haja vista as limitações impostas pela natureza dos *corpora* que permitem investigar fases pretéritas da língua. A par dessas limitações e em caráter ainda preliminar, fundamenta-se o presente trabalho nos princípios teórico-metodológicos da Sociolinguística Histórica (ROMAINE, 1982; CONDE SILVESTRE, 2007; HERNANDEZ-CAMPOY; CONDE-SILVESTRE, 2012), buscando observar as variáveis linguísticas e sociais que condicionam a variável depende presença/ausência de marcas explícitas de plural nas formas verbais de terceira pessoa. Os dados apontam para a influência das variáveis independentes **posição do sujeito em relação ao verbo** e **saliência fônica** na aplicação da regra variável de concordância verbal de terceira pessoa do plural, no *corpus* analisado. De modo geral, o estudo abre caminhos para uma maior compreensão e discussão sobre o processo histórico da variação da concordância verbal, “pedra de toque” do português brasileiro, na direção de fazer um melhor uso de dados “limitados” e fragmentários.

PALAVRA-CHAVE:

Português brasileiro;
Concordância verbal;
Variação;
Sociolinguística
Histórica;
Sertão da Bahia.

¹ Professor Assistente na Universidade do Estado da Bahia (UNEB), atuando como Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens (PPGEL). Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura (PPGLinC), da Universidade Federal da Bahia (UFBA). E-mail: pdan.uneb@gmail.com

² Mestranda do Programa de Estudo de Linguagens (PPGEL), da Universidade do Estado da Bahia (UNEB).

1 Ponto de partida

Apesar dos diversos avanços, considerando as pesquisas sobre a história do português brasileiro (PB), a compreensão de sua diversidade e variabilidade ainda se reveste de um debate complexo, haja vista que, muitas vezes, o conhecimento e/ou desconhecimento de questões linguísticas reforçam a todo o momento, entre as pessoas de modo geral, a ideia da suposta invariabilidade da língua que falamos, ou seja, o português, além da ilusão de sermos um país unilíngue.

Entre os diversos fenômenos linguísticos que atentam a variabilidade e mudança do PB, a concordância verbal tem sido, exaustivamente, investigada sob perspectivas diversas, sobretudo, no escopo da Sociolinguística Variacionista. Numa perspectiva normativo-prescritivista, a concordância verbal prevê muitas regras que impõem a realização da flexão de número e pessoa entre o sujeito e o verbo das sentenças e, mesmo apresentando algumas exceções à regra, desconsidera-se o aspecto variável dos usos linguísticos em situações reais de comunicação.

Em contrapartida, desde os primeiros trabalhos realizados por Lemle e Naro (1977), na perspectiva da Sociolinguística Variacionista, este fenômeno linguístico tem sido investigado por muitos pesquisadores, com ênfase, sobretudo, em análises de dados de fala. Diante da relevância do tema para a descrição do português brasileiro do século XIX, fundamentando-nos na Sociolinguística Histórica, colocamos a seguinte questão: como podemos explicar o encaixamento histórico da variação linguística da concordância verbal de terceira pessoa do plural no português brasileiro oitocentista?

Nessa direção, pretendemos abrir caminhos para uma discussão sobre o encaixamento histórico da variação da concordância verbal de terceira pessoa do plural no português brasileiro do século XIX, a partir de *corpus* constituído por 101 cartas dirigidas a Cícero Dantas Martins, Barão de Jeremoabo, que estão depositadas no Centro de Documentação Fundação Clemente Mariani (fundo ABJ), em sistema de doação por comodato. Para a realização do presente trabalho, utilizamos as edições fac-similares e semidiplomáticas das referidas cartas, escritas por 16 remetentes, nos sertões da Bahia, que foram realizadas por Carneiro (2005).

Considerando as questões apresentadas, nossa reflexão sobre o fenômeno variável da concordância verbal de terceira pessoa do plural, a partir de cartas representativas do PB dos Oitocentos, enfrentará alguns problemas e desafios inscritos na Sociolinguística Histórica, com vistas a buscar uma maior compreensão

sobre o encaixamento histórico dessa variação, uma “pedra de toque” do português brasileiro (MATTOS E SILVA, 1998, p. 48).

Neste artigo, apresentaremos uma amostra da pesquisa em andamento sobre o supracitado fenômeno linguístico. Inicialmente, revisaremos alguns trabalhos que têm discutido a concordância verbal de terceira pessoa do plural numa perspectiva sócio-histórica; em seguida, sistematizaremos questões teórico-metodológicas em que se inscreve o campo da Sociolinguística Histórica; por fim, apresentaremos uma breve análise da variação da concordância verbal de terceira pessoa do plural no *corpus* escolhido, descrevendo os resultados preliminares referentes a duas variáveis linguísticas investigadas (**posição do sujeito em relação ao verbo e saliência fônica**), além da discussão sobre o perfil social dos remetentes. Diante dos resultados ainda parciais apresentados, entrevemos a relevância e as contribuições deste estudo, que fomenta a discussão sobre o processo histórico da variação da concordância verbal no português brasileiro.

2 Concordância verbal em perspectiva sócio-histórica

Ao refletirmos sobre a concordância verbal no português do Brasil, sempre vale lembrar que as análises voltadas para este fenômeno linguístico têm sido realizadas, sobretudo, com um enfoque variacionista ou gerativista, o que nos permite evidenciar que, numa perspectiva histórica, ainda há uma lacuna a preencher. Como já mencionamos, a concordância verbal é considerada por Mattos e Silva (1998, p. 48) como “pedra de toque, [...] da gramática do português brasileiro”. Esta afirmativa nos direciona para a compreensão da importância dos estudos sincrônicos e, ao mesmo tempo, o reconhecimento da necessidade de sua ampliação para a perspectiva diacrônica, no intuito de alcançar uma visão mais ampla deste fenômeno linguístico.

Compreendendo que a variação de terceira pessoa do plural (ou P6, como prefere o autor) é amplamente observada no PB, Baxter (2009) buscou analisá-la em documentos da primeira metade do século XIX, escritos entre 1832 e 1842, por africanos, membros da Sociedade Protetora dos Desvalidos (SP), em Salvador-Ba. Revisitando o contexto do tema da variação P6, o pesquisador apresenta um *continuum* com uma série de investigações variacionistas inspiradas em trabalhos pioneiros, como o estudo de Lemle e Naro (1977) sobre o PB do Rio de Janeiro, destacando que,

Dessa maneira, variação <P6> conta com uma vasta documentação em contextos urbanos (por exemplo, GUY, 1981; NARO & SCHERRE, 1991;

ANJOS, 1999; SCHERRE & NARO, 2006) e rurais (por exemplo, BORTONI-RICARDO, 1985; NINA, 1980; SILVA, 2003, 2005). Por outro lado, a concordância sujeito-verbo também é tema de uma série de trabalhos teóricos (DUARTE, 1993; GALVES, 1993; COSTA & GALVES, 2002; COST & GALVES, 2002; COSTA & FIGUEIREDO SILVA, 2006, dentre outros) (BAXTER, 2009, p. 317-318).

Segundo Baxter (2009), as atas da Sociedade Protetora dos Desvalidos são textos de registro formal, sendo um dos principais motivos pelo interesse linguístico desses dados a existência de variações morfossintáticas comuns ao PB contemporâneo, entre as quais a de concordância sujeito-verbo <P6>, como podemos verificar nos exemplos abaixo:

(3) Aos vinte tres dias do mez de Setembro demil /oito centos etrinta e dous presentes o Juiz Funda /dor e Mais Mezarios Leo-se as cartas deregeite/ dos Diffinidores Joze deSouza Santos - Caetano da Cunha - /Manoel Jose Giló - Francisco Candido: 3sahiraõ por /todos dito apalavra nullo té que por suas livre von / tade venha ser Irmae)ns [documento escrito por Luís Teixeira Gomes]

(4) Aos dezanoves días domez de Julho de1835 / Estan émeza o Viz Provedor emais Mezario fezse cha /mada e compareceu todos e Continuou-se os traba /lhos... [documento escrito por Manuel do Sacramento e Conceição Rosa] (BAXTER, 2009, p. 320, 321).

Ao comprovar a existência dessa variável (presença/ausência de marcas de plural), o autor considerou importante investigar a variação em textos redigidos por africanos que falavam o português como segunda língua, sendo estes representantes de um setor da comunidade que, nas décadas de 1830 e 1840, ainda seria bastante numeroso. Dessa forma, pesquisador reitera que, na “perspectiva da lingüística de contato (*Contact Linguistics*), esse setor da população teria a capacidade de contribuir para a introdução de variações paramétricas no português aprendido pelos seus descendentes” (BAXTER 2009, p. 321).

A despeito do material que compõe seu *corpus*, Baxter (2009) ressalta que, apesar do interesse suscitado, vale refletir sobre as limitações impostas a um estudo dessa natureza. O autor considerou pequeno o número de dados, no entanto reconhece que a formalidade dos dados da SPD está sujeita à monitoração reforçada, uma vez que são dados urbanos, oriundos de camadas especiais representantes do núcleo afro-brasileiro. Assim, o esperado seria que a influência da norma culta estivesse presente, visto que estes fatores condicionam para um reforço da concordância.

O autor alerta para a natureza precária da discussão seguinte, uma vez que os dados de <P6> encontrados são muito reduzidos, apenas 52 verbos. Diante do

número reduzido dos dados, ficou inviável para o autor realizar uma análise estatística mais detalhada, limitando-se apenas a fazer uma avaliação da sua distribuição numérica e frequência nos termos de um conjunto de fatores linguísticos extensamente pesquisados em investigações sobre a <P6> no português brasileiro. Com base nos resultados da análise de dados provenientes de textos, Baxter (2009) chegou à conclusão de que os vários fatores linguísticos que conduzem a variação <P6> no PB atual presumem um cotejo a esses dados. Nesta direção, o pesquisador detectou os seguintes fios sugestivos:

A saliência morfofonológica do contraste <P3>/<P6>: a frequência de <P6> é maior em sílabas tônicas (81%) do que em sílabas átonas (65%);
 A posição e o estatuto do sujeito em relação ao verbo: a frequência de <P6> com sujeito anteposto (78%) é maior do que nos casos de sujeito posposto (71%) ou apagado (70%);
 A distância entre o (núcleo do) sujeito e o verbo: a <P6> aparece mais com sujeitos simples antepostos ao verbo do que com sujeitos complexos;
 Paralelismo entre concordância de número no SN sujeito e presença de <P6>: o efeito parece existir, mas o número de dados não dá uma resposta clara. Porém, há mais frequência de <P6> quando o sujeito contém um quantificador/numeral ou um SN composto de dois SNs simples do que quando o plural no SN é só mórfico;
 O tipo de verbo (intransitivo inacusativo, intransitivo não-inacusativo e transitivo) não parece exercer uma influência diferencial sobre a <P6>;
 Animacidade do sujeito: há mais frequência de <P6> com sujeitos [+humano] (83%) do que com os sujeitos [-humano] (50%). (BAXTER, 2009, p. 331).

Diante do exposto, Baxter (2009) atenta para a necessidade da ampliação da base de dados por meio de investigações nos arquivos de outras irmandades negras na Bahia, principalmente em Salvador e no Recôncavo. Concomitantemente, será fundamental explorar dados que não sejam de ancestralidade afro-brasileira, para obter uma base de estudo comparativo e controle. Para o pesquisador, apesar do número limitado dos dados escritos, presume-se que alguns padrões do atual perfil da variação em torno da concordância verbal <P6> já existiam no português falado como segunda língua por africanos em Salvador, nas décadas de 1830 e 1840.

Compreendendo a importância dos estudos sobre a variação para uma caracterização da realidade linguística brasileira, Brito, Lacerda e Araújo (2022) apresentaram um estudo descritivo sobre a realização variável da concordância verbal com sujeito de terceira pessoa do plural em textos escritos por mãos inábeis. O artigo “*Dirga au meus cumpadis qui não esqueça*”: a concordância verbal com a terceira pessoa do plural em uma documentação epistolar do sertão baiano, inserido na perspectiva da Sociolinguística Histórica, ganha destaque, sobretudo, pela

especificidade da amostra, visto que são analisados textos escritos por falantes em fases pretéritas da língua, com inabilidade na aquisição da escrita.

Brito, Lacerda e Araújo (2022) reforçam que os estudos realizados com dados do português popular têm revelado uma forte motivação entre faixa etária e a aplicação da regra de concordância com morfema de plural, algo que tem suscitado um processo de aquisição da regra. Os resultados referentes ao controle da variável faixa etária apontam evidências para um passado sociolinguístico no qual os usuários das variedades populares não exibiam marcas de concordância verbal de número em suas falas.

Para o desenvolvimento do referido trabalho, as pesquisadoras utilizaram um *corpus* constituído de 131 cartas pessoais, reunidas e editadas por Huda da Silva Santiago³, escritas ao longo do século XX, sobretudo entre as décadas de 1950 e 1970, por 53 sertanejos poucos escolarizados (31 mulheres e 22 homens), naturais de áreas rurais dos municípios baianos de Riachão do Jacuípe, Conceição do Coité e Ichu. Trata-se de cartas de familiares e amigos, trocadas entre estes em relações simétricas. Os remetentes são lavradores, pessoas simples pertencentes a um contexto sócio-histórico de baixas condições financeiras, que aprenderam a ler e a escrever, provavelmente, em ambientes extraescolares.

No percurso do tratamento dos dados, foi examinada a marcação da concordância verbal com a terceira pessoa do plural em orações finitas. Na análise, as autoras consideram uma variável dependente binária: presença de marca de plural (variante padrão ou variante explícita) e ausência de marca de plural (variante não padrão ou variante zero). Com relação à obtenção dos resultados, as autoras encontraram 90 ocorrências de verbos referentes a terceira pessoa do plural com sujeito definido. Consideraram que a marcação formal da concordância verbal foi baixa no *corpus*, sendo confirmada a hipótese prevista inicialmente, justificando que o material em análise fora produzido por pessoas de baixa escolaridade e que, apenas em 16 dados, o verbo apresentara marcas de plural. Para as pesquisadoras, essa redução de marcação formal da concordância verbal nas cartas escritas por sertanejos pouco escolarizados apresenta uma distância significativa da variedade empregada pelos remetentes de cartas do modelo das normas cultas. O resultado da análise reforça a ideia de que, embora tenha ocorrido uma aproximação entre as

³ O *corpus* utilizado pelas autoras foi constituído a partir dos seguintes trabalhos: SANTIAGO, Huda da Silva. *Um estudo do português popular brasileiro em cartas pessoais de “mãos candidas” do sertão baiano*. 2012. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2012. SANTIAGO, Huda da Silva. *A escrita por “mãos inábeis”*: uma proposta de caracterização. 2019. Tese (Doutorado em Língua e Cultura) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019.

variedades dos polos culto e popular no PB, ainda há diferenças notáveis, refletidas principalmente na variação nas concordâncias verbal e nominal.

Refletindo sobre a análise descrita, as pesquisadoras ainda afirmam que esta poderá contribuir para as discussões sobre a caracterização do PB mais recente, servindo como indício do comportamento da concordância verbal com P6 em textos escritos por pessoas poucos escolarizadas do interior da Bahia. Por se tratar de cartas de mãos inábeis, é possível supor que os escritos se aproximam da oralidade. Desta forma, reconhecem que os dados analisados apresentam notícias sobre a variedade linguística utilizada pelos remetentes.

A partir dessa breve revisão de pesquisas realizadas sob o viés histórico, podemos confirmar a existência de variação da concordância verbal de terceira pessoa no português brasileiro, bem como validar ainda a existência de poucos trabalhos que investiguem este fenômeno à luz de abordagens históricas. Assim, considerando nossa opção teórico-metodológica para o tratamento da variação da concordância verbal no PB, na próxima seção, apresentaremos uma sistematização de questões que atravessam o campo da Sociolinguística Histórica.

3 Variação linguística no passado: breves considerações sobre o campo da Sociolinguística Histórica

Passadas duas décadas do surgimento da *Sociolinguística Variacionista*, que se firmou nos Estados Unidos a partir dos anos 1960, tendo como objeto de estudo a variação linguística, a partir dos usos da fala em situações reais de comunicação, assistimos à emergência da Sociolinguística Histórica. Pautada no estudo da variação em sincronias passadas, a disciplina, de natureza híbrida, tem por objetivo descrever e explicar os fenômenos de variação e mudança linguística em seu contexto social. Por estudar os fenômenos linguísticos que ocorreram no passado, suas análises são realizadas a partir de gêneros escritos. Suzanne Romaine (1982), em *Socio-historical linguistics: its status and methodology*, a precursora desse método de investigação em textos escritos, percebeu que os manuscritos também apresentavam indícios de variação linguística, da mesma forma em que se apresentam no vernáculo, ou seja, na fala em situações reais de comunicação. Por conta dessa percepção, propôs a utilização do método variacionista para a investigação de variação linguística em textos escritos de fases pretéritas da língua.

A aplicação dos métodos de análises variacionistas a dados do passado foi crucial para a consolidação da Sociolinguística Histórica, embora também tenha suscitado alguns problemas. Para Romaine (1982), o estudo da variação não seria um

interesse exclusivo da Sociolinguística, haja vista que a Linguística Histórica e a Dialetologia, antes mesmo daquela, já voltavam sua atenção para o estudo da variação linguística através do tempo e do espaço. Ademais, a autora chama a atenção para o fato de que esses campos têm o mesmo objetivo referente ao estudo da língua, ou seja, a variação linguística, entretanto a Sociolinguística não deveria apenas desenvolver pesquisas em amostras de língua falada, uma vez que a variação também ocorre na língua escrita, que poderá ser considerada como fonte de dados.

Por fazer uso de dados de fases passadas, na Sociolinguística Histórica, os resultados da mudança linguística já são conhecidos, entretanto, a pesquisa se fundamenta por investigar a forma como se deu o encaixamento da mudança e/ou variação no contexto histórico que o pesquisador se propõe estudar. Esta perspectiva dialógica entre passado e presente constitui-se um importante atributo para favorecer o crescimento e o reconhecimento desse campo de investigação. Nessa direção,

Historical sociolinguistics has revealed that advances at the synchronic level – tracing variation and change in progress, for instance – may lead to a better understanding of diachrony – the actuation of historically attested changes – and vice versa: “the use of the present to explain the past,” in Labov’s words, can be supplemented by the uniformitarian principle, to the extent that “[i]f they are relatively constant, day - to - day effects of social interaction upon grammar and phonology [...] continue to operate today the same way they have in the past” (Labov 1972: 274; see also 1994: 21-23) (CONDE-SILVESTRE; HERNÁNDEZ-CAMPOY, 2012, p. 2).

Com esse pressuposto, podemos, então, inferir que as pesquisas sobre a variação e a mudança linguísticas consolidam-se com as abordagens sincrônica e diacrônica. A partir da observação dos fatores condicionantes sociais, a exemplo da faixa etária, na atual sincronia, podemos prever uma mudança em curso, a partir das hipóteses levantadas no presente, ao passo que, na diacronia, a mudança linguística e/ou variação já se encontram “presentes”, o que coloca em destaque o *princípio do uniformitarismo*. Esse *princípio* consiste em reconhecer que processos e coisas que acontecem no presente não são diferentes daqueles que ocorreram no passado. Segundo os autores, esse princípio, que, originalmente, teria sido introduzido na geologia no século XIX, passou a ser defendido por sociolinguistas e linguistas históricos, a exemplo de William Labov, Suzanne Romaine e Roger Lass.

Evidentemente, não há um consenso em relação ao referido princípio, uma vez que não podemos desconsiderar algumas possíveis aplicações anacrônicas. No que diz respeito ao campo de investigação da Linguística Histórica, em geral, e na Sociolinguística Histórica, em particular, Bergs (2012) faz uma avaliação crítica do

princípio do uniformitarismo, também referido como *princípio de uniformidade*, afirmando que os processos que observamos no presente podem nos ajudar a adquirir conhecimento sobre processos no passado. Dessa forma, a investigação sócio-histórica da língua em tempos pretéritos poderá atestar que os fenômenos que acontecem hoje não são fatos isolados, também poderiam ter acontecido no passado.

Para realizar o estudo e a análise dos materiais históricos, a Sociolinguística Histórica aplica o método da Sociolinguística Variacionista. Segundo Conde Silvestre (2007), a transposição desse procedimento metodológico para o passado teria como objetivo primeiro a reconstrução histórica da língua em seu contexto social. Ademais, como destaca Gimeno Menéndez (1993, p.184-185),

“[...] una sociolingüística histórica se ocuparía de los fundamentos generales e históricos del cambio lingüístico: comprensión y explicación del proceso concreto del cambio lingüístico, a partir de las correlaciones entre factores lingüísticos y sociales, puesto que muchas cuestiones pertinentes en lingüística histórica son más cuantitativas que cualitativas (es devir, más covariación y sustitución gradual en la frecuencia de uso que ocurrencia súbita de la innovación).

É importante destacarmos que, ao aplicar o princípio metodológico em suas análises, tanto a Sociolinguística Histórica quanto a Sociolinguística Variacionista enfrentam alguns problemas. Em relação à Sociolinguística Histórica, o problema reside em fundamentar-se em registros linguísticos do passado, na maioria das vezes, incompletos ou incompreensíveis. A Sociolinguística Histórica recupera os dados linguísticos do passado a partir dos textos que “sobreviveram” aos acidentes da história, o que torna a informação sobre os dados do passado fragmentária, escassa e, dificilmente, vinculável à produção real de seus falantes (CONDE SILVESTRE, 2007).

A despeito da coleta de dados linguísticos, Medina Morales (2005) considera óbvio que a Sociolinguística Histórica recorra aos textos escritos em que seja possível rastrear a mudança, haja vista a inexistência de evidências materiais sonoras para fases pretéritas da língua. Destaca, portanto: que “[...] tenemos que buscar en los textos – porque no hay otra solución – evidencias de las variantes lingüísticas que normalmente no se escriben, ya que se emplean sólo en el dominio de la conversación” (MEDINA MORALES, 2005, p. 127). Ainda reconhecendo a importância dos textos escritos, a autora destaca que Romaine (1982), ao tratar de uma Sociolinguística Histórica, que se baseia nos modelos sociolinguísticos do multidialetalismo, já teria colocado em evidência o problema texto, considerado válido em si mesmo, opondo-se, assim, a William Labov.

Quanto à segurança do material histórico, o trabalho filológico é condição necessária para garantir a qualidade desses recursos na constituição de *corpus*. Nevalainen e Raumolin-Brunberg (2012) consideram os conhecimentos filológicos na interpretação, edição e paleografia de textos vitais para a Sociolinguística Histórica. Dada a importância dos dados a serem utilizados em estudos de sincronias passadas, Mattos e Silva (2008, p. 15) destaca que:

[...] não se pode nem se deve utilizar qualquer edição de texto do passado para a análise histórico-diacrônica: a edição tem de ter sido feita com *rigor filológico* e com o objetivo claro de servir a estudos linguísticos; há edições úteis ao historiador ou ao estudioso da literatura ou ao chamado grande público, mas que, contudo, não devem ser usadas para estudos de história linguística.

A interpretação dos dados na Sociolinguística Variacionista fundamenta-se na análise estatística, daí ser também chamada de Sociolinguística Quantitativa. Para uma abordagem histórica, entretanto, a quantificação, às vezes, pode não ser aplicável a todas as variáveis linguísticas, em função de uma maior frequência de algumas delas nos textos escritos. Nessa direção, o campo configura-se, nos termos de Labov ([1972] 2008), como a “arte de fazer o melhor uso de maus dados”.

Apesar dos problemas metodológicos e limitações, a Sociolinguística Histórica possui grande relevância, principalmente, por permitir a realização de pesquisas que implicam situações socioculturais passadas, as quais não podem mais ser observadas ou experienciadas pelo pesquisador, colocando-o na condição de “Ouvir o inaudível”, nos termos já aludidos de Lass (1997, p. 45). Esta é uma condição complexa ao mesmo tempo necessária para que o pesquisador possa reconhecer que a evolução dos sistemas linguísticos e sociais ocorre devido às situações sócio-históricas dos falantes, considerando o princípio de que, estudando o passado, se pode compreender ou explicar o presente.

A par das questões que sinalizamos, apoiando-nos no arcabouço teórico-metodológico da Sociolinguística Histórica, nosso estudo tratou da variação em cartas escritas no sertão da Bahia, no século XIX. Na próxima seção, apresentaremos alguns resultados ainda preliminares.

4 Concordância verbal em cartas do sertão baiano

Fazendo enfrentamento aos desafios propostos pelas pesquisas sócio-históricas do português brasileiro e, ainda, reconhecendo o percurso dos trabalhos antecedentes, o nosso estudo fundamenta-se em *corpus* constituído por 101 cartas,

de circulação privada, escritas por sertanejos baianos ao Coronel Barão de Jeremoabo, Cícero Dantas Martins, entre 1880 e 1903. Essas missivas foram editadas por Zenaide de Oliveira Novais Carneiro (2005), em versão diplomático-interpretativa (ou semidiplomática), configurando-se como o “tipo de edição [que] demonstrou ser o mais apropriado para estudos linguísticos, por preservar o texto original” (CARNEIRO, 2005, p. 88). Além disso, a autora também traz a edição fac-similar dessa documentação. As cartas que analisamos foram escritas por 16 remetentes, no século XIX, de caráter pessoal, na medida em que apresentam mensagens particulares entre parentes e amigos do Barão de Jeremoabo. No conjunto, a maioria é datada.

Sobre a localização geográfica, de acordo com Carneiro (2005), são cartas do interior da Bahia. Em sua tese, a pesquisadora ainda traz importantes informações sobre os remetentes, destacando algumas características particulares. Ao traçar o perfil dos remetentes, sinaliza que quase todos são proprietários de terras, o que, para a autora, denota-se tratar, principalmente, de uma elite local. Ademais, ainda aparecem, entre os escreventes, vaqueiros e alguns comerciantes.

A despeito da caracterização sociológica dos remetentes, Carneiro (2005) apresenta dados reveladores sobre o sistema educacional brasileiro no período colonial, em específico, a autora traz informações sobre construções de escolas no interior da Bahia no século XIX, com destaque para a região Nordeste e a Chapada Diamantina, onde, provavelmente, teriam estudado os remetentes do Barão de Jeremoabo. Sobre a população geral e escolar, tomou como base o recenseamento de 1875 e as impressões de Durval Vieira Aguiar (1882) sobre o semiárido baiano. Com relação aos índices de alfabetizados, Carneiro (2005) acrescenta que as localidades onde residiam os remetentes, naquele censo, apresentaram, bons níveis de escolarização, a exemplo de Itapicuru e Jeremoabo. Frente a essa realidade, a autora adverte:

Como se ver, nesse período não é possível falar de um português culto, mas, apenas, de um português semi-culto, e, principalmente, de um português popular, se, de fato, o processo de escolarização ocorreu nessa região nos termos como parece evidenciado pelos dados apresentados nos itens precedentes (CARNEIRO, 2005, p. 261).

A par disso, Carneiro (2005) ainda acrescenta que, provavelmente, seria esta a variedade que aparece nas cartas remetidas ao Barão de Jeremoabo, Cícero Dantas Martins. Em contrapartida, a pesquisadora faz a ressalva de que a grande maioria destas localidades, de onde vieram as referidas cartas, não tinha aulas maiores, ou mesmo cursos preparatórios. Feita essa breve caracterização do corpus, passemos à análise e discussão dos dados.

Variação da concordância verbal no século XIX: o que nos revelam os dados?

Apresentaremos uma análise quantitativa preliminar, descrevendo a variação da concordância verbal de terceira pessoa do plural no português brasileiro a partir de *corpus* constituído por 101 missivas, escritas por 16 remetentes dirigidas a Cícero Dantas Martins, Barão de Jeremoabo, textos que se configuram representativos para esta análise. Nossa investigação consiste em refletir sobre o encaixamento histórico deste fenômeno linguístico no século XIX, nos sertões da Bahia. Considerando o conjunto de cartas analisadas, localizamos 386 contextos de terceira pessoa do plural, sendo que, em 329 contextos, ou seja, 85,2% dos dados, ocorre a variante **presença de marcas explícitas de plural nos verbos** e, em 57 contextos, que corresponde a 14,8% dos dados, a variante *ausência de marcas*, ou *variante zero*. Nos exemplos (1) a (4), apresentamos as duas variantes observadas no *corpus*:

- (1) **Estes senhores vivem** aqui sómente a conta| do erario publico, e nada mais, (C311, 2v)⁴;
- (2) **As balas de estheleria** não| **produziu** o menor effeito nos| templos (C320, 1v);
- (3) no dia| das arrematações o Marcelino| apareceu fazendo as arremata=|coes **que foram** as seguintes:| (C324, 1r);
- (4) Esta Villa| esta completamente dizerta, agora foi que **chegou**| **umas 3 familias**; até o Vigario retirou-se com a familia e| até esta data não chegou. (C321, 1v-2r).

Inicialmente, procedemos à análise dos dados, observando a influência de duas variáveis linguísticas na aplicação da regra variável de concordância verbal de terceira pessoa do plural, cuja sistematização apresentaremos nesta seção, a saber: **posição do sujeito em relação ao verbo** e **saliência fônica**. Também trataremos do perfil social dos remetentes. Embora tenhamos a intenção de submeter os dados ao GoldVarb X, na presente análise, fizemos o controle das ocorrências ainda sem o suporte dessa ferramenta estatística.

Considerando nossa opção teórico-metodológica pela Sociolinguística Histórica, não podemos deixar de destacar as limitações sobre o controle de variáveis sociais. Ademais, haja vista a quase inexistência de trabalhos sobre o encaixamento histórico da concordância verbal de terceira pessoa nessa perspectiva de

⁴ Após os dados, informamos o número da carta, conforme Carneiro (2005), seguido da indicação do fôlio em que teriam sido localizados. Indicamos também, em negrito, o sujeito e o verbo em análise.

investigação, reconhecemos a importância de enveredarmos neste cenário para entrever os caminhos da construção histórica do português brasileiro.

Na análise aqui apresentada, voltaremos nossa atenção para as ocorrências da variante **ausência de marcas explícitas de plural**, cujos contextos, na maioria dos casos, coincidem, com os válidos para os estudos realizados a partir dos dados de fala, como o trabalho pioneiro de Lemle e Naro (1977) e outros subsequentes.

Uma apresentação inicial dos contextos desfavorecedores de aplicação da regra de concordância no português brasileiro oitocentista pode ser observada no trabalho de Souza (2014), que fez uma descrição de alguns casos, sem apresentar uma análise quantitativa. No presente estudo, apresentamos uma análise quantitativa ainda inicial, com vistas a refletir sobre caminhos para compreensão do encaixamento histórico do fenômeno variável.

Considerando os resultados de trabalhos sob a perspectiva da Sociolinguística Variacionista, que apontam a importância de variáveis linguísticas como **posição do sujeito em relação ao verbo** e **saliência fônica**, na aplicação da regra variável de concordância verbal de terceira pessoa, em *corpus* de língua falada, optamos por observar a influência das referidas variáveis nas cartas da Bahia oitocentista. Além do refinamento futuro da análise dessas variáveis, também ampliaremos a observação da influência de outras que também têm se mostrado relevantes em trabalhos dessa natureza, como **realização do sujeito** (sujeito preenchido e sujeito nulo), **tipo de verbo**, **paralelismo discursivo**, **caracterização semântica do sujeito** (animacidade), entre outras. Para a definição das variáveis linguísticas, consideramos aquelas que têm se mostrado relevantes para os estudos realizados no campo da Sociolinguística Variacionista. Como destacamos, neste trabalho, a nossa análise sobre a influência das variáveis independentes sobre o fenômeno variável foi realizada a partir dos 57 contextos da variante ausência de marcas explícitas de plural.

No português, a sequência sujeito-verbo-objeto, ou seja, a ordem SVO, é passível de variação, podendo o sujeito aparecer posposto ou anteposto ao verbo. Nos primeiros trabalhos de Lemle e Naro (1977), a variável **posição do sujeito em relação ao verbo** já se inscrevia como uma importante variável no tratamento da concordância verbal de terceira pessoa do plural. Trabalhos posteriores, também apontaram a influência dessa variável, constatando que a probabilidade de haver concordância quando o sujeito está posposto ao verbo é menor do que com o sujeito anteposto. Monguilhot (2009, p. 125), por exemplo, destaca que “o sujeito quando posposto ao verbo passa a ser encarado como objeto pelo falante que não aplica a regra de concordância, já que não o considera sujeito da sentença”. Esse comportamento, pode precisa também ser avaliado a partir da observação dos tipos

de verbos e os argumentos que selecionam, se um argumento interno ou um externo, ou ambos.

Nas cartas ao Barão de Jeremoabo, considerando as ocorrências nas 101 missivas analisadas, observamos que, nos 57 contextos sem marcas explícitas de plural, 23 dos dados são de ocorrências de sujeitos antepostos, enquanto que 30 casos correspondem a contextos de sujeitos pospostos. Há ainda quatro ocorrências de sujeito referencial não realizado, o que se configura como casos de sujeito nulo. Nos exemplos (5) a (10), apresentamos as variantes observadas, cujos resultados estão na tabela 1 abaixo:

- (5) travando-se logo renhida lucta que **as forças le|gões viu-se** obrigadas á rexaçar para o acam[pa]mento| tendo grandes baixas. (C321, 1r) – sujeito anteposto ao verbo;
- (6) Tenho em mão seo favor de 11 do andante| que muito alegroume por saber que a| **Excelentissima Comadre** já vai melhorada; **Deos| e sua Santicima May** lhe **prolongue|** vida e robusta saúde. (C334, 1v) – sujeito anteposto ao verbo;
- (7) **Realisou-se** no dia 16 deste **os ca|samentos de minhas filhas**, e pela fel|cidade que a ellas assegura Vossa Excelência| summamente vos sou mais grato.| (C411, 1v) – sujeito posposto ao verbo;
- (8) Se **aparecer| noticias serias** ahi, escreva-me. (C332, 3v) – sujeito posposto ao verbo;
- (9) Conti-|nuando as forças legaes| sua marcha, foram dormir| distante de Canudos ½ legua,| quando **arrumava** a bagagem| para seguir foram surpre|nhendido por uma grande| força fanatica, (C319, 1v) – sujeito referencial não realizado;
- (10) Passamos á outro assumpto. Encontrei| aqui uns boatos de *minha* demissão e de| meu Pai. Creio que não **passa** de fu|chiquinhos. (C332, 2v) – sujeito referencial não realizado.

Tabela 1 – Variável posição do sujeito em relação ao verbo

Variantes	Ocorrências	Porcentagem
Sujeito anteposto	23/57	40,4%
Sujeito posposto	30/57	52,6%
Sujeito referencial não realizado (sujeito nulo)	4/57	7%

Fonte: Elaborada pelos autores.

Considerando os resultados apresentados na tabela, podemos constatar, em termos percentuais, que a posposição do sujeito ao verbo pode favorecer a variante ausência de marcas explícitas de plural (ou variante zero), com 52,6% dos contextos,

enquanto que a posição anteposta ao verbo teria uma influência maior na aplicação da regra de concordância, já que, nos dados observados, somente 40,4% dos dados com variante zero correspondem a contextos de anteposição. Embora tenhamos observado o sujeito referencial não realizado (sujeito nulo) em quatro ocorrências, cujo referente está anteposto, a discussão sobre a realização ou não do sujeito e sua influência sobre o fenômeno em estudo será objeto de investigação *a posteriori*.

A segunda variável observada, **saliência fônica**, consiste em diferenciar o grau morfológico entre a forma da terceira pessoa do plural e a terceira pessoa do singular. Lemle e Naro (1997) já consideraram como princípio básico que quanto maior a diferença morfofonológica entre a forma marcada e a forma não marcada, maior será a possibilidade de o falante aplicar a regra de concordância de terceira pessoa. A partir desta constatação, essa variável passou a ser investigada por estudos variacionistas em *corpora* falados de diversos espaços, revelando ser um fator crucial no emprego da regra de concordância verbal no PB.

Diversos trabalhos de abordagem variacionista têm comprovado que as formas mais salientes geralmente são mais perceptíveis e, portanto, tendem a ser mais marcadas do que as menos salientes. Sobre a sistematização do conceito de **saliência fônica**, este grupo de fatores foi considerado em duas variantes, como apresentado por Souza (2005, p. 67):

- a) formas menos salientes (*auya~auyã, sabha~sabhã*), cuja diferença entre as formas revela-se apenas pelo traço nasalidade que, no *corpus* analisado, é marcado de duas maneiras: uso do ~ (til); ocorrência variável de uma consoante nasal *m~n*.
- b) formas mais salientes (*fez~fezeru, ueo~ueeron*), em que se observa a presença de outros elementos além da nasalidade. Também foram consideradas como mais salientes as oposições que, embora se distinguem pelo traço nasalidade, tal marca recai sobre a sílaba tônica, como a oposição *sta~stã*.

A “redução” da variável a duas variantes, ou seja, **formas menos salientes e formas menos salientes**, justifica-se em função da natureza do *corpus* e, conseqüentemente, das limitações quanto ao número de dados. Dessa forma, optamos em considerar, assim como Souza (2005), apenas dois níveis, como apresentados nos exemplos (11) a (14), extraídos de nosso *corpus*:

- a) *formas menos salientes*:
- (11) agora, da inclusão dos nossos| futuros candidatos – Tote e Casuzinha – n’esta
proxi=|ma eleição – **Os nomes de Lago e Reis acha** muito| acertados por aqui
(C318, 2r) – **acha ~acham**;

- (12) não da-se [...]um| espaço de 3 meses que não| se **manifeste casos fataes| de fome!!!** (C326, 2r) – **manifeste ~ manifestem.**
- b) *formas mais salientes:*
- (13) não desconhece que| nós da oposição sabemos mais respei|tar as leis, do que os **Srs governistas, que| so quer** a ladroeira, e assassinato etc etc.| (C311, 2r) – **quer ~ querem;**
- (14) Estas notícias aqui **pro|duziu** profunda sensação. (C320, 1v) – **produziu ~ produziram.**

Considerando essas duas variantes, apresentamos os resultados da análise da variável saliência fônica na tabela 2 abaixo:

Tabela 2 – Variável saliência fônica

Variantes	Ocorrências	Porcentagem
Formas menos salientes	23/57	40,4%
Formas mais salientes	34/57	59,6%

Fonte: Elaborada pelos autores.

Os dados apresentados na tabela acima confirmam a relevância da saliência fônica no fenômeno variável no *corpus* analisado. Assim, nos contextos de não aplicação da regra de concordância, 40,4% são de formas menos salientes, enquanto 59,6% seriam de formas mais salientes. Diante desses resultados, podemos concluir que os contextos de maior saliência podem atuar na explicitação das marcas de concordância, como atestaram os trabalhos de Lemle e Naro (1977) e subsequentes, em dados de língua falada. Nessa direção, podemos considerar que, já no português brasileiro oitocentista e, em específico, no português “falado” dos sertões da Bahia, encontramos indícios da influência da variável saliência fônica na aplicação da regra de concordância verbal de terceira pessoa do plural, na medida em que as cartas analisadas nos permitem “ouvir o inaudível”.

Sobre o perfil social dos remetentes

Como destacamos, um dos desafios que se coloca para os trabalhos desenvolvidos no âmbito da Sociolinguística Histórica diz respeito à definição do perfil social dos informantes, sobretudo quanto recuamos cada vez mais a fases pretéritas da língua. Diferentemente dos estudos em Sociolinguística Variacionista, que permitem ao pesquisador fazer um controle das variáveis sociais que pretende investigar, abordagens sócio-históricas precisam lidar com a fragmentariedade dessas informações, em muitos casos.

Considerando as cartas que analisamos, mesmo que preliminarmente, foram escritas por 16 remetentes, a saber: Alexandre Ferreira Moreira (5 cartas), Amaro Tavares de Macedo (2 cartas), Annibal Galvão de Oliveira (1 carta), Antero de Cirqueira Gallo (14 cartas), Antonio Ferreira da Motta (1 carta), Antonio Ferreira de Brito (15 cartas), Antonio Lourenço (1 carta), Augusto da Silva Ribeiro (3 cartas), Baldoino Gomes de Sant'Ana (1 carta), Benicio Penalva de Faria (42 cartas), Caetano Mauricio Rodriguez (1 carta), Domingos Victor de Jesus (1 carta), F. Marcondes Machado (2 cartas), Francisco Ferreira de Britto (8 cartas), Galdino Ferreira Mattos (2 cartas) e Gustavo de Caldas Britto (2 cartas).

Destacamos da impossibilidade de um controle mais sistemático das variáveis sociais como faixa etária e escolaridade, considerando a natureza e limitações do *corpus*. Vale destacar que, dos 16 remetentes, apenas na escrita de seis encontramos ocorrências da variante zero da concordância verbal. Na tabela 3, apresentamos uma distribuição dos dados de não aplicação da regra de concordância pelos respectivos remetentes.

Tabela 3 – Distribuição das ocorrências da variante zero pelos remetentes

Remetente	Quantidade de cartas que escreveu	Ocorrências	Porcentagem
Alexandre Ferreira Moreira	5	3/57	5,3%
Annibal Galvão de Oliveira	1	1/57	1,7%
Antero de Cirqueira Gallo	14	30/57	52,6%
Antonio Ferreira de Brito	15	8/57	14%
Antonio Lourenço	1	1/57	1,75%
Benicio Penalva de Faria	42	11/57	19,3%
F. Marcondes Machado	2	1/57	1,7%
Galdino Ferreira Mattos	2	1/57	1,7%
Gustavo de Caldas Britto	1	1/57	1,7%

Fonte: elaborada pelos autores.

Embora os dados apresentados na tabela 3 não possam ser analisados sem se levar em conta o quantitativo de cartas escritas por cada um dos remetentes, chama a atenção o expressivo número de ocorrências de contextos sem concordância nas missivas de Antero de Cirqueira Gallo, que corresponde a 52,6% com casos de marca zero, seguidas das cartas de Benicio Penalva de Faria, com 19,3%, e de Antonio Ferreira de Brito, com 14% dos dados observados. Em relação ao primeiro remetente, embora tivesse como principais atividades sua atuação como Agente do Correio em Tucano, no Estado da Bahia, sendo ainda Escrivão e político nesta localidade, o que poderia justificar o significativo número de missivas escritas ao Barão de Jeremoabo, o remetente teria apenas o nível primário. Nesse ínterim, trata-se de um informante

com um nível médio de letramento e, considerando os indicadores sociais apresentados por Carneiro (2005), estaria, portanto, numa classe imediatamente inferior à classe alta, mas, ainda, letrada.

O segundo remente, Benício Penalva de Faria, era radicado em Itapicuru, embora tenha passado uma temporada na Bahia (Salvador) quando acompanhou os estudos dos filhos. Além disso, teria também o nível primário e frequentado a Escola de primeiras letras. Entre as principais atividades, destacam-se: vereador em Barracão (Rio Real), Conselheiro municipal na primeira Câmara Municipal de Barracão, na Bahia, comerciante de peles, assumindo, ainda, o cargo de Oficial de registro de imóveis de Salvador, em data posterior à escrita das cartas (1890-1902). Tinha o título de Coronel da Guarda Nacional. Primo do Barão de Jeremoabo e remetente que mais escreveu (42 cartas), no entanto foram localizadas apenas 11 ocorrências de ausência de marcas explícitas de concordância.

Por fim, Antonio Ferreira de Brito, terceiro remetente cujas cartas apresentaram mais ocorrências da variante zero (14%), era radicado em Ribeira do Pombal, Bahia. Teria também frequentado a Escola de primeiras letras, possuindo, portanto, o nível primário. Suas principais atividades teriam sido: chefe político em Ribeira do Pombal na Bahia, vereador, delegado, Conselheiro Municipal e Intendente de Pombal.

Analisando o perfil social dos remetentes (quadro 3), embora muitos tivessem o nível primário de escolaridade, possuíam patentes militares, o que demonstra tratar-se de sujeitos pertencentes também a uma elite “letrada”. A par disso, colocam-nos a seguinte questão: em que medida o nível de escolaridade/letramento desses sujeitos reflete sobre a aplicação da regra de concordância verbal, tendo em vista o *corpus* de nossa pesquisa? Dando continuidade a este trabalho, buscaremos respostas a esse questionamento, avançando nossas análises na direção de um maior controle das variáveis linguísticas e sociais que influenciam o fenômeno variável da concordância verbal de terceira pessoa do plural.

5 A título de conclusão, algumas considerações

A despeito da variação da concordância verbal de terceira pessoa do plural, temos a compressão de que estamos nos referindo a um fenômeno linguístico, exaustivamente, estudado na contemporaneidade, sobretudo na perspectiva da Sociolinguística Variacionista, com o destaque para as análises com dados de fala. A par disso, apresentamos uma análise qualitativa preliminar do estudo sobre a variação da concordância verbal de terceira pessoa do português brasileiro

oitocentista em dados coletados a partir de *corpus* constituído por 101 missivas, escritas por 16 remetentes dirigidas a Cícero Dantas Martins, Barão de Jeremoabo. Nossa investigação, embora preliminar, já apontam resultados significativos para uma reflexão sobre o encaixamento histórico da concordância verbal de terceira pessoa do plural no século XIX, nos sertões da Bahia.

Ao analisarmos o conjunto de cartas escolhido, encontramos 386 contextos de terceira pessoa do plural, sendo que, em 329 contextos (85,2%), ocorre a variante **presença de marcas explícitas de plural nos verbos** e, em 57 contextos, que corresponde a 14,8% dos dados, a variante **ausência de marcas**, ou **variante zero**. Os dados iniciais já apontam para a influência das variáveis independentes **posição do sujeito em relação ao verbo** e **saliência fônica**, na aplicação da regra variável de concordância verbal de terceira pessoa do plural. Embora pudéssemos refletir sobre o perfil social dos remetentes, a partir das informações de Carneiro (2005), ainda não avançamos numa análise mais sistemática de variáveis sociais que podem ter influência sobre o fenômeno linguístico, como a **escolaridade**.

Para inferir sobre a influência das variáveis independentes sobre a variável em estudo, analisamos 57 contextos da variante **ausência de marcas explícitas de plural**. Em relação à posição do sujeito em relação ao verbo, os resultados obtidos em percentuais sinalizam que esta variável aponta um favorecimento a não aplicação da regra de concordância verbal de terceira pessoa do plural nos contextos de posposição, com 52,6% dos dados. Em contrapartida, a posição anteposta ao verbo, apresenta uma influência maior na aplicação da regra de concordância, já que, nos dados observados, somente 40,4% dos dados com variante zero correspondem a contextos de anteposição.

Em relação aos resultados da variável **saliência fônica**, constatamos que existe uma influência direta no fenômeno variável no *corpus* analisado. Verificamos que, nos contextos de não aplicação da regra de concordância observados, 40,4% são de formas menos salientes, enquanto 59,6% seriam de formas mais salientes. Diante desses resultados, podemos concluir que os contextos de maior **saliência** são favorecedores de marcas de concordância, ou seja, da variante **presença explícita das marcas de plural**.

A partir da análise ainda preliminar do *corpus*, podemos evidenciar que a variação na concordância verbal em contextos de terceira pessoa do plural não se trata de um fenômeno restrito ao português brasileiro falado na atual sincronia, mas também ocorreu em fases pretéritas da língua. De modo geral, os dados, sucintamente aqui descritos, demonstram que existe uma variação dos usos da concordância verbal nos Oitocentos que, na maioria dos casos, coincidem com

contextos que a (des)favorecem no português brasileiro contemporâneo e que têm sido investigados desde o trabalho pioneiro de Lemle e Naro (1977).

Ademais, seguindo a conclusão de Souza (2014), consideramos que, embora o *input* da não aplicação da regra de concordância verbal seja menor, os contextos são similares aos que se revelam como desfavorecedores em pesquisas que se fundamentam em *corpora* de língua falada, o que nos possibilita refletir sobre dados diacrônicos que poderão contribuir para uma confirmação do problema do encaixamento histórico da variação da concordância verbal, “pedra de toque” da gramática do português brasileiro.

Referências

BAXTER, Alan. Concordância verbal. In: LOBO, Tânia; OLIVEIRA, Klebson (Org.). *África à vista: dez estudos sobre o português escrito por africanos no Brasil do século XIX*. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 317-337.

BERGS, Alexander. The Uniformitarian Principle and the risk of anachronisms in language and social History. In: HERNÁNDEZ-CAMPOY, Juan Manuel; CONDE-SILVESTRE, Juan Camilo (Org.). *The Handbook of Historical Sociolinguistics*. Oxford: Wiley-Blackwell, 2012. p. 80-98.

BRITO, Rosana Carvalho; LACERDA, Mariana Fagundes de Oliveira; ARAÚJO, Silvana Silva de Farias. “Dirga au meus cumpadis qui não esqueça”: a concordância verbal com a terceira pessoa do plural em uma documentação epistolar do sertão baiano. In: BARROS, Isis Juliana Figueiredo de; SILVA, Jéssica Carneiro da; PARANHOS, Ramon Arend; ASSIS, Thamiris Santana Coelho (Org.). *Português baiano: de Norte a Sul, de Leste a Oeste*. Salvador: EDUFBA, 2022. p. 131-146.

CARNEIRO, Zenaide de O. Novais. *Cartas brasileiras (1808-1904): um estudo linguístico-filológico*. 2005. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2005.

CONDE SILVESTRE, Juan Camilo. *Sociolingüística Histórica*. Madrid: Editorial Gredos, 2007.

CONDE-SILVESTRE, Juan Camilo; HERNÁNDEZ-CAMPOY, Juan Manuel. Introduction. In: HERNÁNDEZ-CAMPOY, Juan Manuel; CONDE-SILVESTRE, Juan Camilo (Org.). *The Handbook of Historical Sociolinguistics*. Oxford: Wiley-Blackwell, 2012. p. 1-8.

GIMENO MENÉNDEZ, Francisco. *Hacia una sociolingüística histórica*. *E.L.U.A – Estudios de Lingüística Universidad de Alicante*, n. 1, p. 181-226, 1983. Disponível em: <http://rua.ua.es/dspace/handle/10045/6678?mode=full>. Acesso em: 2 jul. 2022.

HERNÁNDEZ-CAMPOY, Juan Manuel; SCHILLING, Natalie. The application of the quantitative paradigm to Historical Sociolinguistics: problems with the generalizability principle. In: HERNÁNDEZ-CAMPOY, Juan Manuel; CONDE-SILVESTRE, Juan Camilo (Org.). *The Handbook of Historical Sociolinguistics*. Oxford: Wiley-Blackwell, 2012. p. 63-79.

LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, [1972] 2008.

LASS, Roger. *Historical linguistics and language change*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

LEMLE, Mirian; NARO, Anthony Julius. *Competências básicas do português*. Rio de Janeiro: Fundação MOBRAL; Fundação Ford, 1977.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *Caminhos da Linguística Histórica: ouvir o inaudível*. São Paulo: Parábola, 2008.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. Idéias para a história do português brasileiro: fragmentos para uma composição posterior. In: CASTILHO, Ataliba Teixeira de (Org.). *Para a história do português brasileiro: vol. 1, primeiras idéias*. São Paulo: Humanitas-FFLCH/USP; FAPESP, 1998. p. 21-52.

MEDINA MORALES, Francisca. Problemas metodológicos de la sociolingüística histórica, *Forma y Función*, Universidad Nacional de Colombia, Bogotá, n. 18, p. 115-137, 2005.

NEVALAINEN, Terttu; RAUMOLIN-BRUNBERG, Helena. Historical Sociolinguistics: origins, motivations, and paradigms. In: HERNÁNDEZ-CAMPOY, Juan Manuel; CONDE-SILVESTRE, Juan Camilo (Org.). *The Handbook of Historical Sociolinguistics*. Oxford: Wiley-Blackwell, 2012. p. 22-40.

ROMAINE, Suzanne. *Socio-historical linguistics: its status and methodology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.

SOUZA, Pedro Daniel dos Santos. *Concordância verbal em português: o que nos revela o período arcaico?* 2005. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2005.

SOUZA, Pedro Daniel dos Santos. Português brasileiro, sintaxe e história: usos da concordância verbal no século XIX. *Revista Philologus*, Rio de Janeiro, CiFEFiL, ano 20, nº 58, p. 705-715, jan./abr. 2014.



Subject-Verb agreement in 19th century Brazilian Portuguese: an analysis in letters from Bahian *Sertão*

ABSTRACT:

This paper discusses the historical embeddedness of the variation of third person plural clause agreement in 19th century Brazilian Portuguese (BP), based on a corpus of 101 letters written by 16 senders and addressed to Cícero Dantas Martins, Baron of Jeremoabo, in the *sertões* of Bahia. For the discussion and analysis, the fac-simile and semi-diplomatic editions edited by Carneiro (2005) were used. Although the variation of third person plural clause agreement has been exhaustively studied in contemporary BP data, addressing this linguistic phenomenon from a historical perspective is still a challenge to the researcher, given the limitations imposed by the nature of the corpora that allow investigating previous phases of the language. The present work is based on the theoretical and methodological principles of Historical Sociolinguistics (ROMAINE, 1982; CONDE SILVESTRE, 2007; HERNANDEZ-CAMPOY; CONDE-SILVESTRE, 2012), in order to observe the linguistic and social variables that influence the presence/absence of explicit plural marks in third-person verbal forms. Data point to the influence of the independent variables subject position in relation to the verb and phonetic salience in the application of the variable rule of third-person plural verbal agreement in the analysed corpus. Overall, the study opens ways for a better understanding and discussion of the historical process of verb agreement variation, the "touchstone" of Brazilian Portuguese, in the direction of making better use of "limited" and fragmentary data.

KEYWORDS:

Brazilian Portuguese;
Verbal agreement;
Variation;
Historical Sociolinguistics;
"Sertões" of Bahia.